

TALIBERTI

CARTILHA DE COMBATE À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA



Sinal vermelho
contra a violência
doméstica



**Por que
precisamos
falar sobre
Violência
Doméstica?**



**Uma Mulher
Brasileira
é Assassina**

a cada

9 HORAS



**No Brasil,
uma Mulher
é agredida**

a cada

2 MINUTOS



Mulheres
são quase
67% das vítimas
de **Agressão**



71,1% das Mulheres
vítimas de
Agressão

sofrem atos de **Violência**
Diária ou
Semanalmente



**Durante
a Pandemia,
os índices de
Feminicídio**

cresceram 22%

Quais das atitudes abaixo você já viveu (ou conhece alguém que vive)?

- Já foi agredida fisicamente?
- Já foi agredida verbalmente (gritos, ameaças, ofensas etc)?
- Foi impedida de ver amigos ou familiares? Ou de ficar a sós com eles?
- Ouve que os amigos não gostam de você de verdade ou que a família age por interesse, sendo estimulada a se afastar de todos?
- Foi chamada de burra, feia, incompetente, perdendo sua autoestima aos poucos?
- Teve relações sexuais exigidas ou forçadas pelo parceiro?
- Teve seu dinheiro controlado ou pouco acesso ao dinheiro familiar?
- Foi chamada de louca depois de uma briga, como se tudo tivesse sido imaginação?
- Viveu um período romântico e sem brigas após um período de agressões?
- Sofreu ameaças (pessoais ou para família e amigos)?
- Foi acusada de culpada pelas próprias violências que sofreu (ouvindo frases como “você me deixou nervoso,” “você provocou”, “você fez X coisa”)
- Quando falou em terminar o relacionamento ou contar sobre a violência a alguém, teve que lidar com ameaças de suicídio (ou tentativas)?
- Teve suas coisas quebradas?
- Vivenciou situações de perigo (como companheiro dirigindo de maneira perigosa ou teve uma briga em que o companheiro estava armado, por exemplo)?

Se você marcou **SIM** em alguma dessas opções, você ou a pessoa que você conhece está em situação de risco e é preciso intervir. E, lembre-se sempre: **ABUSO NÃO É SÓ FÍSICO!** Essa é só uma das formas de agressão.

Índice

1. RELACIONAMENTO ABUSIVO: COMO IDENTIFICAR?

2. COMO AJUDAR MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA?

3. QUANDO VOCÊ É A VÍTIMA: O QUE FAZER?

4. QUANDO A MÃE É AGREDIDA, OS FILHOS TAMBÉM SÃO.

5. A EDUCAÇÃO PARA O COMBATE À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.

6. COMO SUPERAR A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA?

7. EM BUSCA DE PROTEÇÃO E ACOLHIMENTO: ONDE ENCONTRAR?

1. Relacionamento Abusivo: **COMO IDENTIFICAR?**

Nem sempre é fácil perceber a si mesma ou outras pessoas em um relacionamento abusivo. A ideia de que o abuso é somente físico faz com que muitas pessoas ignorem sinais de violência até que a situação já esteja fora de controle. Por isso, é importante entender tudo o que pode ser considerado abusivo para evitar que atos mais graves aconteçam.



Toda violência contra a mulher acontece dentro de um relacionamento abusivo. Esse tipo de relacionamento tem três características básicas: controle excessivo, isolamento e ciúmes exacerbado



Nathalie Malveiro
Promotora de Justiça

ENTENDA MELHOR OS SINAIS DE AGRESSÃO.

1. ABUSO DISFARÇADO DE AMOR

Os primeiros sinais de um relacionamento abusivo costumam aparecer na forma de um amor intenso e excessivo. Assim, é construída uma relação de excessos em que é normal o controle da rotina, ciúmes exagerados e afastamento de familiares e amigos.

2. AFASTAMENTO

Sob o pretexto do amor, é comum que o companheiro comece a fazer críticas sobre familiares e amigos da mulher. Falar que os familiares estão tentando separar o casal, dizer que as amigas tentaram flertar com ele, dizer que homens estão a fim dela. Todas essas histórias começam a prejudicar essas relações, caso a vítima acredite. Mesmo que não acredite, é comum que a mulher evite sair tanto com outras pessoas, para evitar brigas. Também é comum que o homem conte situações em que pessoas próximas à vítima foram agressivas ou o ofenderam, justificando o afastamento (ex.: “sua irmã me ofendeu, não vou mais na casa dela”).

ENTENDA MELHOR OS SINAIS DE AGRESSÃO.

3. **DEPENDÊNCIA EMOCIONAL**

Esse afastamento coloca o homem em uma posição de “único aliado” da mulher. Assim, ele continua a repetir que faz tudo o que é preciso em prol de sua proteção ou bem-estar, reproduzindo também uma ideia de “salvador” – o príncipe encantado que salva a princesa. Ele quer ser visto como a única pessoa que a ama e, assim, nunca pode ser abandonado. Isso gera uma relação de dependência emocional.

4. **CICLO DE VIOLÊNCIA**

O primeiro ato de violência (física, psicológica, financeira, sexual) costuma ser seguido de arrependimento, pedidos de desculpas e uma sensação de volta à normalidade. Para fazer as pazes, acontecem períodos de romantismo e sensação de lua-de-mel, em que o homem afirma que a agressão foi um fato isolado, que não irá se repetir. Contudo, a violência volta a se repetir, criando um ciclo de violência que, com o passar do tempo, tende a ser cada vez mais curto.

TALIBERTA!

O primeiro episódio da Série Taliberta falou sobre sinais de abuso que vão muito além de agressões físicas e que não podem ser ignorados. Confira!

EPISÓDIO 1 - RELACIONAMENTO ABUSIVO: COMO IDENTIFICAR

YouTube: <https://bit.ly/3saIKKg>

Spotify: <https://spoti.fi/3tJLezB>

2. Como ajudar mulheres em **SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA?**

Em briga de marido e mulher se mete a colher, sim! Embora a sociedade costume afirmar que os problemas de um relacionamento não são públicos e que devem ser resolvidos entre o casal, atos de violência e agressão são CRIMES. Eles não devem acontecer e, caso sejam percebidos, devem ter intervenção.



“ A violência doméstica e a violência praticada contra mulher já deixaram há muito tempo de ser um problema privado e hoje é sim público, diz respeito a todos nós enquanto sociedade, e a gente precisa agir, apoiar e trazer todos os recursos necessários que façam com que essas mulheres saiam dessa situação ”

Juliana Tocanduva

Promotora de Justiça da Casa da Mulher Brasileira de São Paulo

TALIBERTA!

Assista ao segundo episódio da Série Taliberta, que fala sobre formas de proteção.

EPISÓDIO 2 - EM BUSCA DE PROTEÇÃO: ONDE ENCONTRAR

YouTube: <https://bit.ly/39eio2x>

Spotify: <https://spoti.fi/39fgajD>

IMPORTANTE

Nem sempre a ajuda será na forma de uma denúncia. Se você perceber sinais de violência contra a mulher, dê espaço para que ela possa se abrir com você. E quando alguém, por vontade própria, contar sobre um relacionamento abusivo, seja paciente e acolhedor.

A aceitação é um processo complexo e muitas vezes a vítima não irá denunciar o agressor ou mesmo aceitar que está sendo vítima. Tentar forçar a situação irá afastá-la e isso só irá aumentar seu isolamento. Por isso, é importante estar lá pela pessoa e auxiliá-la a procurar os canais adequados quando estiver pronta.



“ A denúncia só acontece quando a mulher está preparada e eu não tinha preparação psicológica para passar por uma delegacia ou denúncia no primeiro momento. A melhor coisa a fazer para apoio é conversar com a vítima, sem julgamentos, e se colocar à disposição para ajudar no momento que a mulher estiver preparada ”

Gabriella Nicaretta

Advogada e vítima de violência doméstica

**Por que muitas
mulheres não
denunciam na**

PRIMEIRA AGRESSÃO?



**Você deve ter
provocado!**

**Ele perdeu
a cabeça.**

**Mas é um
homem
tão bom!**

**Você tem
que pensar
nos seus
filhos, na sua
estabilidade.**





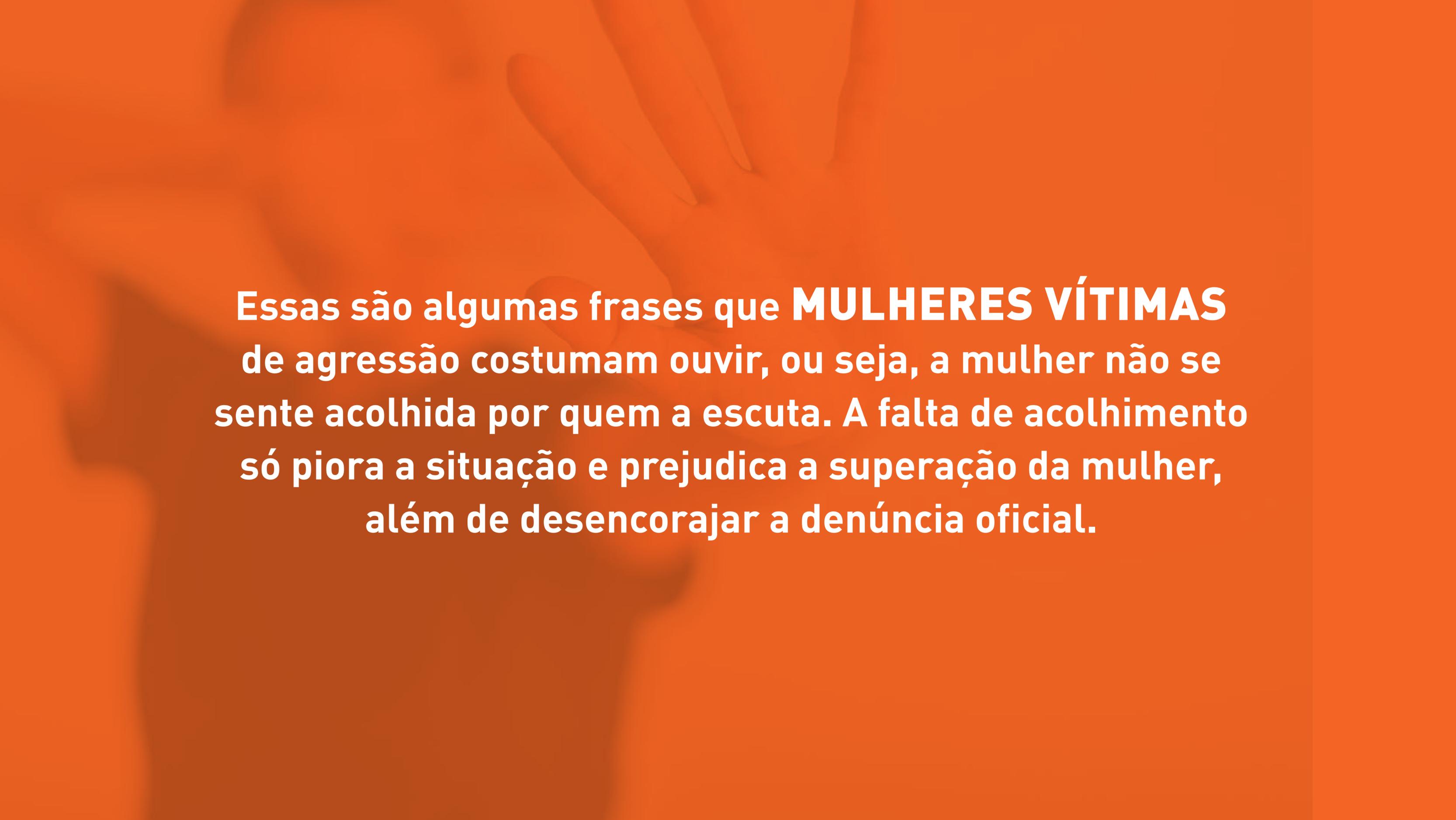
**Mas ele
te ama!**

**Não acredito
em você.**

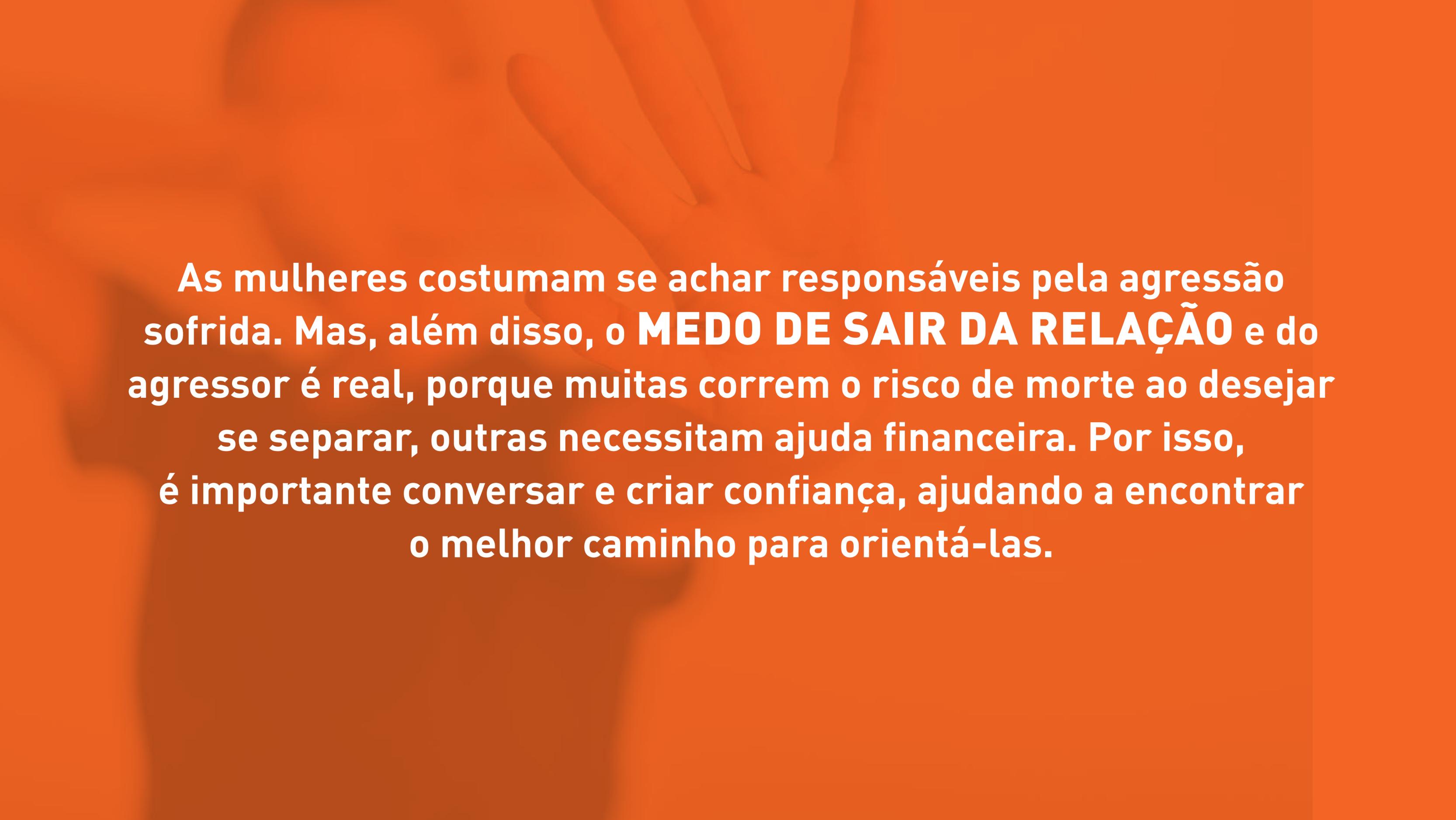
**Você está
exagerando.**

**Homem
é assim
mesmo.**





Essas são algumas frases que **MULHERES VÍTIMAS** de agressão costumam ouvir, ou seja, a mulher não se sente acolhida por quem a escuta. A falta de acolhimento só piora a situação e prejudica a superação da mulher, além de desencorajar a denúncia oficial.

A close-up photograph of a hand with fingers slightly spread, reaching out from the top center of the frame. The background is a solid, vibrant orange color. The lighting is soft, highlighting the texture of the skin and the shape of the hand.

As mulheres costumam se achar responsáveis pela agressão sofrida. Mas, além disso, o **MEDO DE SAIR DA RELAÇÃO** e do agressor é real, porque muitas correm o risco de morte ao desejar se separar, outras necessitam ajuda financeira. Por isso, é importante conversar e criar confiança, ajudando a encontrar o melhor caminho para orientá-las.

TALIBERTA!

O sexto episódio da Série Taliberta trouxe o depoimento de Gabriella Nicaretta, vítima de violência doméstica que compartilhou sua experiência e falou sobre as dificuldades em fazer denúncia.

EPISÓDIO 6 - UNIÃO ENTRE MULHERES PARA COMBATER A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

YouTube: <https://bit.ly/3vV5ksL>

Spotify: <https://spoti.fi/3lM0aux>

Informações mais detalhadas sobre o assunto ao final da cartilha

3. Quando você é a vítima:

0 QUE FAZER?

Entender os sinais de um relacionamento abusivo e reconhecer-se nessa situação é o primeiro passo. Aceitar a situação não é fácil e, por isso, é comum justificar o comportamento do companheiro como atípico ou passageiro, ignorar sinais iniciais e esconder a verdade de amigos e familiares, por medo ou por vergonha, são comportamentos comuns, mas que precisam ser evitados.



A grande questão que a gente não discute é que a grande e primeira violência que se instaura é a violência psicológica e uma vez aprisionada psicologicamente é muito mais difícil de sair



Mafoane Odara
Psicóloga e Ativista



A gente sabe que a mulher que é vítima de violência precisa ser cuidada, porque é uma mulher que está muito fragilizada e sofrida



Mariana Kotscho
Jornalista

TALIBERTA!

O terceiro episódio da Série Taliberta abordou o reconhecimento da mulher em situação de relacionamento abusivo e os caminhos que podem ser percorridos para sair desse contexto.

EPISÓDIO 3 - QUANDO VOCÊ É A VÍTIMA: O QUE FAZER?

YouTube: <https://bit.ly/3lNrxEk>

Spotify: <https://spoti.fi/2PlEI3g>

Antes de mais nada, lembre-se de que VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHA. Existem milhões de outras mulheres que viveram (e vivem) a mesma situação. Libertar-se do ciclo de violência não é uma atitude individual, mas sim uma reação a um problema social que, infelizmente, é muito comum em nosso país.

SAIR DESSA SITUAÇÃO É ESSENCIAL E existem diversas maneiras de fazer isso com segurança e com o apoio necessário.

4. Quando a mãe é agredida **OS FILHOS TAMBÉM SÃO**

Muitas mulheres não efetuam denúncias ou saem de um relacionamento abusivo para não prejudicar os filhos. Mas a ideia de que a agressão se restringe somente à mãe é equivocada.

A vivência da violência doméstica, mesmo que não seja direta com os filhos, também prejudica crianças e adolescentes. A experiência pode normalizar a agressão em relacionamentos, tornando as meninas alvos fáceis para relacionamentos abusivos no futuro, já que ela vê isso como normal. Já os meninos podem reproduzir os mesmos comportamentos agressivos para com as (os) futuras (os) parceiras (os). Ou seja, a violência na infância pode significar uma vida inteira inserida no ciclo de violência.



A perda da guarda é muito usada por homens agressores como chantagem. A Lei da Alienação Parental considera denúncias de falso crime como alienação, e o medo de que sua denúncia não seja provada abre muito medo para as mulheres



Isabela G. Del Monde

Advogada e cofundadora da Rede Feminista de Juristas

TALIBERTA!

A tentativa de proteger os filhos é grande em relacionamentos abusivos, mas nem sempre a decisão tomada é a melhor para eles. O quarto episódio da Série Taliberta falou sobre isso e trouxe pontos sobre psicologia e legislação.

EPISÓDIO 4 - QUANDO A MÃE É AGREDIDA, OS FILHOS TAMBÉM SÃO

YouTube: <https://bit.ly/3slFU5o>

Spotify: <https://spoti.fi/3sgkhTU>

Informações mais detalhadas sobre o assunto ao final da cartilha

5. Educação/

PREVENÇÃO LONGO PRAZO

A melhor maneira de combater a violência doméstica é por meio da prevenção. Isso significa apontar os comportamentos inadequados, permitindo que as meninas cresçam cientes do que caracteriza um abuso e sabendo como evitá-lo. É preciso ouvir qualquer tipo de queixa e perceber indícios de violência.



É preciso falar desse tema com jovens e adolescentes, para que elas consigam identificar um relacionamento abusivo e descobrir a força da mulher para lidar com essa situação, evitando esses padrões ao longo de toda a vida. Esse debate também permite que as mulheres possam questionar papéis vistos como tradicionais pela sociedade e, assim, levar essa reflexão para além do individual



Marilia Taufic

Jornalista e idealizadora do App PenhaS



Temos que trabalhar com mulheres em ciclo de violência e com jovens em início de um relacionamento abusivo. Essa formação deve ser iniciada muito cedo. Não se trata de antecipar a violência, mas sim de criar uma precaução para, talvez, não ter uma preocupação no futuro



Regina Célia Barbosa
Vice-presidente do Instituto Maria da Penha

TALIBERTA!

A necessidade de educar meninos e meninas para identificar e evitar comportamentos abusivos foi muito comentada no quarto episódio da Série Taliberta, com destaque para pontos importantes e experiências de ações educativas sobre o tema em escolas.

EPISÓDIO 4 - QUANDO A MÃE É AGREDIDA, OS FILHOS TAMBÉM SÃO

YouTube: <https://bit.ly/3slFU5o>

Spotify: <https://spoti.fi/3sgkhTU>

Informações mais detalhadas sobre o assunto ao final da cartilha

**Sou homem,
o que posso**

FAZER?



Uma dica boa para pais de meninos é ensinar o filho a ouvir o não. Temos a dinâmica de menina princesa, que precisa ser ensinada a dizer não, e menino guerreiro, que luta em vez de aceitar o não. Precisamos ensinar a eles que não é não



Nathalie Malveiro
Promotora de Justiça



Esse homem, que tem esse perfil agressor, além de enganar muito bem, digamos, raramente ele aceita passar por um tratamento



Mariana Kotscho
Jornalista

A PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER deve ser feita por toda a sociedade, e isso inclui os homens! Entendendo melhor o tema, é possível barrar comportamentos próprios ou de amigos e familiares, ajudando a romper o ciclo de violência.

O comportamento agressivo de alguns homens **É FRUTO DE PADRÕES COMPORTAMENTAIS DA SOCIEDADE**, como a negação dos sentimentos e uso da força como símbolos de masculinidade e demonstração de amor. Soltar-se dessas pressões nem sempre é fácil, mas refletir sobre elas é fundamental.

DICAS DE CONTEÚDO

Já ouviu falar na Caixa dos Homens? Confira no link abaixo

<https://papodehomem.com.br/caixa-dos-homens-definicao-como-utilizar/>



O educador Paul Kivel criou o conceito “a caixa do homem”, que é um conjunto de atitudes e comportamentos que precisam expressar para serem reconhecidos como homens - como posse, ciúmes, agressividade. A masculinidade que temos não é do homem agressor e sim da construção da masculinidade que permitimos que seja construída



Mafoane Odara
Psicóloga e Ativista

TALIBERTA!

O terceiro episódio da Série Taliberta trouxe um pouco do ponto de vista dos homens sobre a violência e sobre a maneira como nossa sociedade estimula comportamentos agressivos em meninos e homens. Vale a pena conferir!

EPISÓDIO 3 - QUANDO VOCÊ É A VÍTIMA: O QUE FAZER?

YouTube: <https://bit.ly/3lNrxEk>

Spotify: <https://spoti.fi/2PlEI3g>

6. Como superar a **VIOLÊNCIA DOMÉSTICA?**

Mesmo depois da denúncia e de se libertar do contexto de violência, é preciso recuperar-se e superar o que foi vivido. Lembre-se: a vítima não precisa fazer isso sozinha. Existem canais e meios criados especificamente para ajudar nesse caminho.



Além de acolher, fazemos questão de fazer um acompanhamento passo-a-passo, após a orientação. É preciso fazer isso até que ela esteja forte o suficiente para voltar ao seu caminho



Miriam Vasserman

Diretora da Fiesp (Federação Israelita do Estado São Paulo)



A recuperação após a violência doméstica inclui o acolhimento adequado da vítima e a oferta dos subsídios necessários para a superação e empoderamento da vítima

Celeste L. dos Santos

Promotora de Justiça e idealizadora do Projeto Mente Saudável





A importância do tratamento psicológico é perceber qual é o perfil do agressor para não cair novamente na mesma situação. No começo, é aquele príncipe maravilhoso, mas ele tem indícios já: é ciumento, tenta afastá-la da família, controla seu celular e redes sociais. Se ela não tem o acompanhamento psicológico, não tem meios de verificar isso antes de entrar numa nova situação de agressão



Marisa Marega
Jornalista e Escritora



Os dois principais motivos que fazem com que as mulheres não denunciem: medo e vergonha. Apenas 5% das mulheres denunciam na primeira agressão, mas um dia chega o momento do basta. Aí é essencial a rede de apoio, porque o processo de superação demora e é preciso o suporte conjunto de várias pessoas para que ela escape desse ciclo



Tatiane Moreira Lima

Juíza da Vara de Violência Doméstica da Zona Leste de São Paulo

TALIBERTA!

O quinto episódio da Série Taliberta falou sobre a superação da violência e sobre como existem espaços específicos para isso. Confira!

EPISÓDIO 5 - SUPERANDO A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

YouTube: <https://bit.ly/3d8bBI0>

Spotify: <https://spoti.fi/3vUeSEd>

7. Onde encontrar a proteção e acolhimento para sair da SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA



O fortalecimento da rede é fundamental. Os estados , o município, a federação, as ONGs, as iniciativas privadas e os serviços de informação são essenciais para que a mulher saiba que tem uma alternativa e que é possível que ela consiga, junto com todo esse coletivo, sair do ciclo de violência



Elza Paulina de Souza
Comandante da Guarda Civil Metropolitana

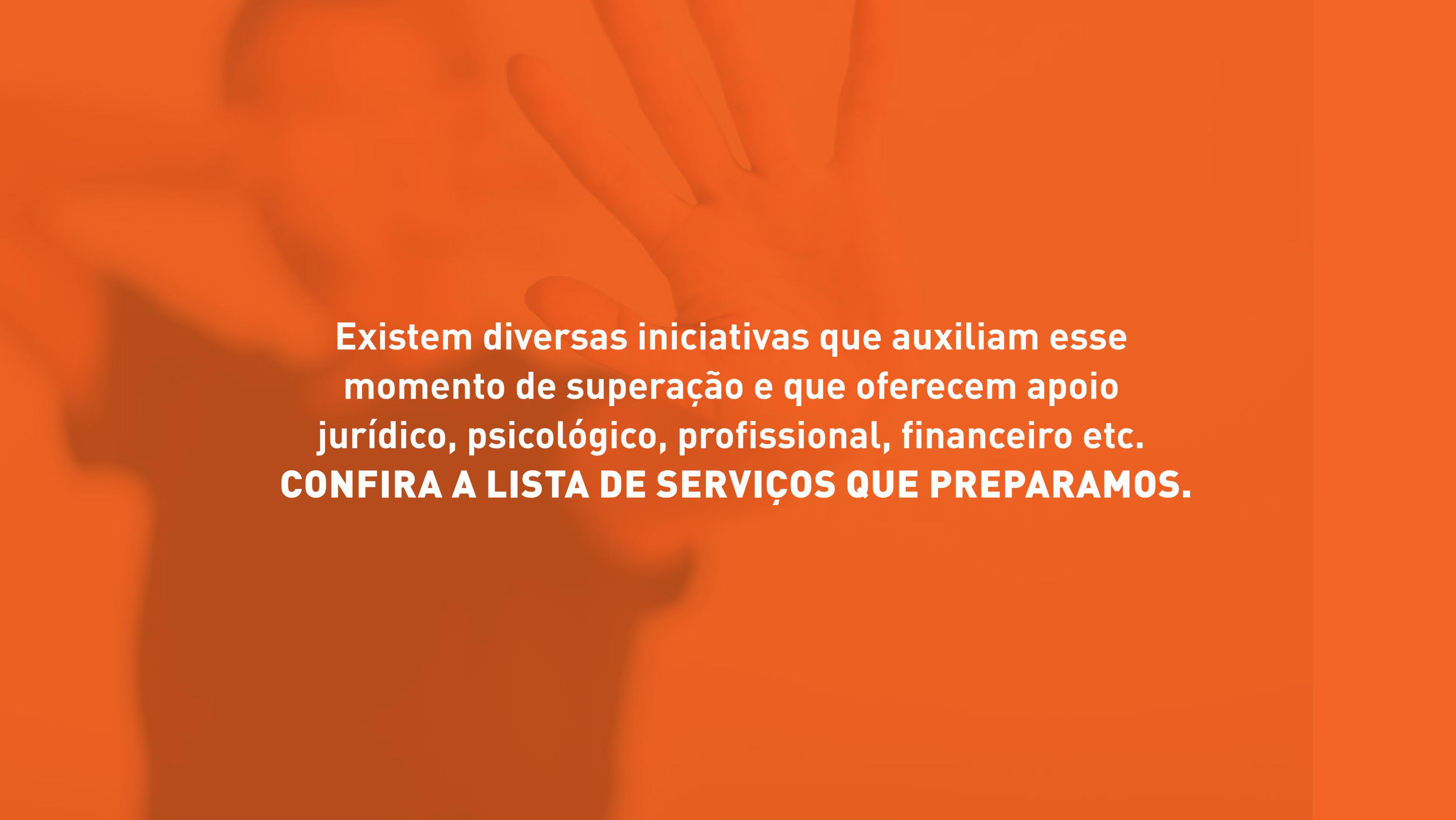
TALIBERTA!

Em seu segundo episódio, a Série Taliberta mostrou formas de romper o ciclo de violência e encontrar ajuda e proteção para isso.

EPISÓDIO 2 - EM BUSCA DE PROTEÇÃO: ONDE ENCONTRAR

YouTube: <https://bit.ly/39eio2x>

Spotify: <https://spoti.fi/39fgajD>

A hand reaching out, symbolizing support and assistance. The background is a solid orange color with a faint, larger-scale image of a hand reaching out, creating a sense of depth and connection.

Existem diversas iniciativas que auxiliam esse momento de superação e que oferecem apoio jurídico, psicológico, profissional, financeiro etc. CONFIRA A LISTA DE SERVIÇOS QUE PREPARAMOS.

Denúncia no momento da agressão

As informações e referências aqui apresentadas se limitam ao conteúdo discutido na série e não são exaustivas sobre o tema.

Em todo o Brasil:

- Aplicativo PenhaS – conscientização coletiva das mulheres e comunidade LGBTQIA+, rede de apoio, área de acolhimento onde as vítimas conversam entre si até para se identificar como vítima de abuso e ter acesso a conversas com voluntários - (disponível para download na Apple Store ou Google Play). Possui botão de pânico para situações de emergência e possibilidade de diálogo sigiloso sobre a situação 🌐
- Casa da Mulher Brasileira - centro de atendimentos variados para mulheres vítimas de violência, funciona 24 horas e possui assistente social, psicóloga, Delegacia da Mulher, abrigo para mulheres e seus filhos, Ministério Público, brinquedoteca. Em 2020, existiam nas capitais Curitiba, São Paulo, Campo Grande, Fortaleza, São Luís e Boa Vista. O programa está em expansão contínua. Procure na sua cidade

- Delegacia da Mulher - ações de prevenção, proteção e investigação dos crimes de violência doméstica e violência sexual contra as mulheres: confira a mais próxima no mapa das delegacias da mulher 🌐
- FISESP (Federação Israelita do Estado de São Paulo) – acompanha a vítima em todos os passos 🌐
- Instituto Avon - Programa Você Não Está Sozinha, que se propõe a facilitar o pedido de ajuda e ser uma ponte entre as necessidades básicas e psicológicas das mulheres e os recursos disponíveis para apoiá-las. Os recursos disponíveis são auxílio transporte, apoio material, apoio psicológico e jurídico, fundo de emergência e Whatsappbot 🌐 ☎️ (11) 9 44942415

Em São Paulo:

- Aplicativo SP+Segura – envia viaturas para o local de violência 🌐
- Casa da Mulher Brasileira – atendimento presencial na Rua Ribeira Ravasco, 26 – Cambuci – SP.
e-mail: pj.casadamulherbrasileira@mpsp.mp.br
- Programa Guardiã Maria da Penha – tem como objetivo monitorar o cumprimento das medidas protetivas às mulheres nele inseridas pelo Ministério Público de São Paulo. Atende casos isolados quando acionados por meio das unidades da Guarda Civil Metropolitana ou pelo ☎️ 156

Apoio jurídico

- 3º Tribunal do Júri – projeto de atendimento às vítimas de tentativa de feminicídio e às famílias que perderam mulheres por feminicídio. Exclusivo para o Estado do Rio de Janeiro 
- PAEFI (Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos) - é um dos serviços de oferta de apoio, orientação e acompanhamento à famílias com um ou mais de seus membros em situação de ameaça ou violação de direitos. O PAEFI deve ser ofertado obrigatoriamente no CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social) 
- Projeto Justiceiras – oferece orientação jurídica, psicológica, socioassistencial, médica, rede de apoio e acolhimento gratuita e on-line 
- Rede Feminista de Juristas - acolhe juridicamente mulheres e transexuais, encaminhando para advogados que atendem pró-bono: Para acessar a Rede Feminista de Jurista  ou 

Emprego e capacitação

- Centro de Cidadania da Mulher (CCMs) - espaços de qualificação profissional com foco na autonomia financeira e formação em direitos 
- Programa Tem Saída – é uma política pública voltada à autonomia financeira e empregabilidade da mulher em situação de violência doméstica e familiar. A ação é uma parceria entre a Secretaria de Desenvolvimento

Econômico e Trabalho da Prefeitura de São Paulo, Ministério Público, Defensoria Pública, Tribunal de Justiça, OAB-SP e ONU Mulheres 

Apoio psicológico

- Casa da Mulher Brasileira – a equipe multidisciplinar presta atendimento psicossocial continuado e dá suporte aos demais serviços da Casa. Auxilia a superar o impacto da violência sofrida; e a resgatar a autoestima, autonomia e cidadania. Veja locais na página anterior
- Violência Doméstica - Grupo de Apoio no Facebook para ajudar mulheres vítimas de violência doméstica. Criado pela jornalista Mariana Kotscho 
- Mapa do Acolhimento – rede de solidariedade que conecta mulheres que sofrem ou sofreram violência de gênero a psicólogas e advogadas dispostas a ajudá-las de forma voluntária 
- Projeto Guardiã Maria da Penha (somente em São Paulo)
- AVARC – projeto de Acolhimento de Vítimas, Análise e Resolução de Conflitos oferece à vítima de crimes a oportunidade de escuta ativa dos fatos ocorridos, participação em conferências restaurativas, encaminhamento de documentação visando a fixação de danos mínimos pelos prejuízos causados pelo crime e informação sobre o andamento do feito de que foi vítima 
- Projeto Justiceiras – oferece orientação jurídica, psicológica, socioassistencial, médica, rede de apoio e acolhimento gratuita e on-line 

Conscientização

- Comitê Maria Bonita - criado pelo Grupo Mulheres do Brasil, atua no combate à violência contra a mulher por meio da sensibilização da sociedade e governos 
- Instituto Avon - Programa Você Não Está Sozinha que se propõe a facilitar o pedido de ajuda e ser uma ponte entre as necessidades básicas e psicológicas das mulheres e os recursos disponíveis para apoiá-las. Os recursos disponíveis são auxílio transporte, apoio material, apoio psicológico e jurídico, fundo de emergência e Whatsappbot  ou pelo  (11) 944942415

Indicações de leitura

- Artigo “Como conversar com os homens sobre violência contra as mulheres” 
- Cartilha “Tem Saída” 
- Artigo “Caixa dos Homens” 
- Cartilha “Mulher Vire a Página – do Ministério Público de São Paulo” 
- Livro “O feminismo é para todo mundo – autora Bell Hooks”
- Site do Instituto Azmina – conteúdos variados sobre feminismo e sobre violência doméstica 



Telefones úteis

- Central de Atendimento à Mulher - permite fazer uma denúncia anônima de agressão: ☎ 180 ou 181
- Guarda Civil Metropolitana (GCM) – pode ser acionada em casos de violência doméstica (caso tenha GCM na sua cidade): ☎ 153
- Polícia Militar – permite denúncia no momento da agressão, sendo necessária identificação: ☎ 190
- Portal de Serviços da sua cidade (caso tenha) - serviço de atendimento municipal para causas variadas; no caso de violência doméstica, redireciona para a GCM enviar uma viatura: ☎ 156

Esta cartilha foi elaborada com base na Série Taliberta de Violência Doméstica, realizada pelo Instituto Camila e Luiz Taliberti (ICLT). As informações e referências aqui apresentadas se limitam ao conteúdo mencionado na série e não são exaustivas sobre o tema.

O ICLT foi criado em 2019 por iniciativa dos amigos e familiares dos irmãos Camila e Luiz Taliberti, vítimas fatais do rompimento da barragem Córrego Feijão, em Brumadinho-MG. O ICLT tem como objetivo perpetuar o legado dos dois e assim atuar na defesa dos direitos humanos, no empoderamento de grupos vulneráveis e na proteção ao meio ambiente.

Atuar no atendimento de vítimas de violência doméstica era uma das bandeiras da advogada Camila. Seu trabalho inspirou o desenvolvimento da Série Taliberta de Violência Doméstica, cujo nome é uma homenagem ao trocadilho criado pela própria Camila com o seu sobrenome e o movimento de libertação feminina que ela imprimia em seu trabalho.

Sob a curadoria e apresentação da jornalista Mariana Kotscho, a série contou com diferentes especialistas convidadas e teve uma equipe de voluntários atuando na transmissão dos encontros. Com seis episódios, a série foi ao ar em junho e julho de 2020. Acesse aqui.

TALIBERTA – CARTILHA DE COMBATE À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

AUTOR: Instituto Camila e Luiz Taliberti

TEXTO: Grupo Trama Reputale e Silvana Pacífico

REVISÃO: Helena Taliberti e Vagner Diniz

SÉRIE TALIBERTA

O Instituto Camila e Luiz Taliberti agradece a toda equipe e convidadas que tornaram possível a Série Taliberta Violência Doméstica:

PRODUÇÃO E TÉCNICA | Cecília Engels, Ellen Marques, Helena Taliberti e Vagner Diniz

CURADORIA | Mariana Kotscho

CONVIDADAS | Celeste Leite dos Santos, Elza Paulina de Souza, Gabriella Nicaretta, Isabela Guimarães Del Monde, Juliana Gentil Tocunduva, Mafoane Odara, Marilia Taufic, Marisa Marega, Miriam Vasserman, Nathalie Malveiro, Regina Célia Barbosa e Tatiane Moreira Lima.

AGÊNCIA DE DIGITAL E RP | GRUPO TRAMA REPUTALE

Instituto Camila e Luiz Taliberti: <http://somosementes.org.br/>

Facebook: <https://www.facebook.com/institutocamilaeluiztaliberti/>

Instagram: @institutocamilaeluiztaliberti

Twitter: @ITaliberti

